

Do Eu-Ideal à singularidade

Carolina França Batista

Universidade de Brasília (UnB)

Orientador: Luiz Augusto Monnerat Celes

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

Partindo da leitura de Freud e Lacan, trabalhamos neste artigo o percurso de uma busca de si, num processo analítico. Tal perspectiva funda-se na tentativa de encontro com a singularidade do sujeito. Este percurso foi pensado pela instauração da transferência e da alienação do Eu e do narcisismo pelo Eu ideal, regulado pelas identificações simbólicas, as quais criam condições ao corte deste Eu-ideal pelo significante. Estes cortes mostram o traço pelo qual o analisando identifica-se ao objeto de amor, possibilitando o deslocamento destes estereótipos, para o encontro com o objeto *a*, objeto real, causa de produção de sua singularidade e fonte de gozo.

Palavras-chave: ideais, traço, corte, identificação, objeto *a*.

Do Eu-ideal à singularidade

Pensar a questão da singularidade pela via da experiência clínica psicanalítica, remete-nos às diversas possibilidades de seus recortes teóricos. No presente trabalho, privilegiamos esta problematização pela via da identificação, o que nos permite articular relevância das instâncias Ideais na constituição do sujeito. Estudamos tal constituição como um efeito possível do trabalho de análise, que por sua vez, encontra na transferência uma das suas condições de prosseguimento.

Esta delimitação do problema visa um diálogo com a teoria lacaniana do Estádio do Espelho, a qual apresenta-se como leitura da teoria do narcisismo de Freud. Neste desenvolvimento teórico e clínico, o Eu é concebido como uma instância que se forma pela via do “desconhecimento” (LACAN, 1960/1998, p.682). Roudinesco e Plon (1998/1997) apontam que na leitura de Lacan, o Eu é a principal instância do registro imaginário, alienando o lugar do sujeito do inconsciente. Seria neste lugar que se produz a sua possibilidade dos efeitos de separação e apontamento ao desejo do analisando.

Os autores apontam ainda que este sujeito é central na teoria lacaniana, pois ele é concebido juntamente à sua releitura da teorização freudiana do inconsciente. Nesta renovação da teoria de Freud, o inconsciente seria estruturado como linguagem e o sujeito seria efeito da articulação significante.

O sujeito é concebido, portanto, em sua emergência no discurso, que resulta no rompimento de associações já realizadas e determinadas pela realidade no qual seu ser, o seu eu e sua decorrente alienação constituiu-se. O sujeito permite o estabelecimento de uma causalidade que o desvela em seu ser, pela brecha que introduz no discurso. Esta brecha é

sustentada pelo primeiro verbo, pelo traço, este seria então a condição de manutenção deste furo.

Outra referência chave para o desenvolvimento deste diálogo é o texto freudiano *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011). Por meio de sua leitura buscamos articular a influência destas instâncias Ideais na identificação, tanto ao fenômeno do enamoramento – o que nos permite problematizar as condições da transferência na análise – bem como a possibilidade desta série de rupturas que causam a desalienação narcísica produzida pela tentativa de complementação na relação com o outro.

A instância eu-ideal e sua imagem fálica.

Considerando esta introdução do trabalho, podemos lançar algumas questões que nos guiarão no tema da singularidade, em sua relação – ou oposição – com as instâncias ideais, concebidas como matrizes narcísicas do Eu. Qual a sua relevância para a constituição do sujeito num percurso de análise? Como ocorre o processo de identificação que leva à constituição do narcisismo e que tipo de articulação poderíamos estabelecer com o sujeito? Como poderíamos pensar, na análise, as (im)possibilidades de uma assunção e criação autêntica de si pela via das instâncias ideais?

Estas questões ambientam o nosso interesse em estudar o processo de desvelamento de si, produzido no contexto analítico. Tal descobrimento seria concebido como resultado de uma sucessão de cortes e separações produzidas em momentos diversos da constituição do eu rumo ao seu aprofundamento pela via da singularidade e de seu desejo. A vagarosidade e complexidade deste percurso são necessárias, para que se crie condições a

este processo, que é um despojamento de si, deste Eu que é determinado pela sua alienação, na qual o indivíduo fia o seu ser.

Esta articulação entre singularidade e alienação perpassa tanto a diferença estrutural entre o fenômeno do enamoramento e da identificação, quanto sua interdependência na constituição do eu, tal como abordado por Freud (1921/2011). Estes seriam dois modos de ligação do eu ao outro, ambos capazes de produzir um laço ao outro. Por tal, são essenciais para problematizarmos o estabelecimento da transferência.

Pensamos a transferência em termos da posição que o Outro ocupa como objeto de desejo do analisando. Por um lado, ocupá-la implica estar inserido na fantasia do eu, na posição de outro, o que introduz o analista como objeto de investimento libidinal. Por outro lado, cabe ao analista estar neste lugar criado pelo significante. Em ambos os níveis, o analista deve responder do lugar deste Outro simbólico, o que implica não corresponder ao amor do analisando neste nível de modo a complementar suas expectativas narcísicas, mas sim direcionar o tratamento, possibilitando o apontamento da falta do e no objeto, retornando ao analisando como sua própria falta.

Estas duas posições atribuídas ao analista remetem à dupla possibilidade de identificação, na constituição do sujeito. Ambas são apontada por Lacan tanto em seu Seminário 4, quanto em seu texto *Direção do tratamento e princípios de seu poder*. No primeiro, o autor aborda a identificação ao falo, em sua regulação pelo objeto exterior, retomado pela leitura do esquema apresentado por Freud no texto *Psicologia do Eu e das massas*, de 1921. No segundo, ele apresenta a necessidade de manutenção do apontamento desta falta, cara ao desejo num processo de análise.

O autor indica a identificação ao significante, a qual podemos extrapolar num percurso à identificação ao seu traço vazio, no que ele é capaz de suportar o sujeito. Esta identificação é necessária para pensarmos este processo de despojamento das fantasias ideais que constituem o eu. A outra identificação diz respeito ao objeto de amor, que, ao abrir as brechas da imagem atribuídas ao objeto, desmascara-o em sua repetição em série. Ao ocuparem a posição deste significante do sujeito, estes objetos são anteriormente determinados por uma escolha inconsciente.

Mediante esta questão, introduzimos a noção de dois campos distintos da experiência da constituição do sujeito, bem como da estrutura da experiência de amor cara à análise. Tal separação é trabalhada por Lacan ao longo de sua obra pela via da divisão entre o campo do sujeito e o campo do Outro.

Torna-se relevante apontarmos as nossas questões sobre o narcisismo e a formação dos Ideais, tanto na teoria de Freud como de Lacan, de modo que possamos esquadriñar a dramaticidade e a dificuldade de seu depoimento, este que é um dos cernes da prática analítica. Em 1914, Freud formaliza a noção de narcisismo como conceito, caracterizando o investimento libidinal ao próprio Eu do indivíduo, à sua imagem. De tal modo, o amor ao outro, leia-se, o investimento sexual do eu ao outro é marcado por este narcisismo, o que por sua vez lhe garante um retorno libidinal.

Lacan retoma a teoria do narcisismo de Freud, na elaboração de seu Estádio do Espelho em 1936, de modo a articular a formação e constituição do eu. Trata-se de uma primeira elaboração e, no Seminário 1 (1953-1954/1979), ele retoma a metáfora do aparelho óptico utilizada por Freud em 1900, bem como a associa ao experimento do Buquê Invertido, de modo a mostrar a formação das diferentes posições de constituição da

imagem, portanto, da formação dos objetos de investimento, em sua relação com a posição ocupada pelo sujeito.

Trata-se, neste momento de sua obra, do estabelecimento da relação com o outro como semelhante. Isto possibilita ao autor desenvolver a noção de que o que se investe libidinalmente no outro é a sua imagem e, que é a partir da imagem do outro no Outro que o Eu passa a estabelecer relação com uma imagem de si.

O estabelecimento desta imagem de si é abordada por Freud (1914/2006) como resultado da criança escolher por objetos sexuais, aqueles que lhe proporcionaram as suas primeiras experiências de satisfação. Tal asserção introduz a sua concepção de que o amor, escolhido por veiculação sustentada [*anlehnung*], funda-se pela formação do Eu, pela passagem do auto-erotismo ao narcisismo primário. Tal formação advém da satisfação das necessidades da criança por um outro, ou seja, pela satisfação do que ele chama de pulsão do eu, a pulsão de auto-conservação do eu.

Trata-se de um momento no qual a mãe ao investir o infans, cria condições de uma passagem da satisfação auto-erótica, neste circuito aprisionador da necessidade imediata de satisfação, para a constituição e o investimento nos objetos. É neste fenômeno que podemos tomar o narcisismo primário de Freud e sua imperceptibilidade, seu ocultamento nos fenômenos clínicos. A instauração do outro neste circuito libidinal introduz também a possibilidade de sua apreensão pela via da transferência.

Esta noção de narcisismo primário, nos remete ao comentário de Lacan (1953-1954/1979), pois ele aponta a importância de pensarmos que não há um eu desde o princípio, mas que ele é constituído. Ou seja, para que se preserve a distinção entre o eu e os objetos, é necessário pensar o narcisismo formado pelo retorno libidinal que caracteriza

o narcisismo secundário. Há o lugar do vazio do sujeito (1960/1998), o qual o Eu vem tampar pela via da imagem, mas tal imagem é constituída somente a partir do investimento do outro, num retorno

É neste sentido que podemos tomar uma primeira concepção da noção de veiculação, relacionada ao conceito de traço. Pois é ele que nos permitirá ligar a constituição do eu, pela via da identificação ao que neste objeto, o que de sua escolha pautar-se-á na imagem daquele que promoveu estas satisfações iniciais. Portanto, trata-se de um momento em que há uma ênfase na coexistência tanto das pulsões do eu, quanto as pulsões sexuais, objetais, no lugar onde se constituirá o Eu. Somente depois, poderíamos pensar o retorno do investimento pela identificação ao traço no outro.

É neste sentido que podemos tomar a noção de veiculação sustentada pela via do traço, como condição de sustentação do sujeito. É ele que nos permitirá diferenciar o investimento libidinal que atribui ao outro a semelhança, a identificação ao Eu ideal nesta primeira imagem, por tamponar a condição do sujeito. Este traço é o que permite, por outro lado, o corte deste objeto da satisfação, que impossibilita também a completa identidade do sujeito à sua imagem narcísica onipotente, atribuída a ele pelo Outro parental.

Mas o que se coloca em jogo é que, neste momento, há uma imensa alienação do infans ao outro, já que o seu Eu primeiro se constituirá pelo investimento maciço dos pais à criança, imputando-lhe toda perfeição e completude, cara aos seus narcisismos no que neles há de mais puro. É neste sentido que podemos citar Lacan (1956-1957/1995) quando este expõe que a estrutura da onipotência está no Outro. É a partir dele que o Eu assume uma posição de potência: é pelo retorno invertido de sua imagem pelo Outro.

Esta questão remete à dificuldade do trabalho da análise e a dificuldade da posição do analista. Ela reside no ponto de que o narcisismo primário é uma suposição, e, por tal, ao analista ser colocado nesta posição pelo analisando, ele corre o risco de amar neste nível narcísico, alienando-se numa expectativa de saber sobre o analisando, ao invés de escutá-lo em sua diferença. Este narcisismo primitivo promove uma captura, ali onde ele tampona a condição real do sujeito, de modo que somente é possível “confirmá-lo por dedução retroativa a partir de outro ponto de observação” (FREUD, 1914/2006, p.110). Portanto, é o outro que atribui ao *infans* a perfeição, é o outro que atribui algo de si ao Eu, atribui do Eu deste Outro que é Ideal, naquilo que lhe determina em seu ser, do ponto de vista de sua fantasia.

Freud coloca esta experiência em termos de “uma revivescência de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado” (1914/2006, p.110). Portanto, ele aponta esta atribuição de perfeição e a negação [*Verleugnung*] de suas falhas como uma repetição da negação da particularidade da experiência da sexualidade infantil. Forma-se então um circuito libidinal entre o *infans* e a mãe, em que ambos encontram-se numa relação de amor, fundada por este Eu ideal e que, por nele tocar aliena-os de tudo que se encontra ao seu redor, mesmo que por um momento. É um momento delirante da mãe, necessário para a constituição da fantasia do bebê.

Mas este aspecto delirante é abordado com o intuito de nos remetermos à concepção de uma supervalorização sexual que esta instância comporta, tal como apontada por Freud (1914/2006), pois esta atribuição de uma perfeição ao outro, que em tudo se assemelha ao fenômeno da alucinação, por sua irre realidade e seu caráter fantasístico, no introduz ao “estigma narcísico da escolha objeto” (p.110).

Neste sentido, este narcisismo caro ao Eu ideal é fruto também da projeção do narcisismo dos pais, o que quer dizer que a criança é colocada numa posição de suas imagens fálicas, sendo o falo concebido como objeto imaginário usado também para o tamponamento da própria falta neles. Lacan menciona que o *infans*, neste momento, é como um “pólo de atributos” (1960/1998, p. 659), e é isto que caracteriza a inversão pela qual ele irá capta a sua imagem e tornar-se objeto do desejo do Outro – o que é muito diferente de dizer que a assume.

No entanto, é justamente a atribuição deste narcisismo ao outro, que nos permite pensarmos a condição do estabelecimento de um terceiro elemento. Este seria capaz de romper este circuito libidinal formado pela mãe e pela criança, para que o outro não seja um mero espelho total de seu ideal.

Tal atribuição nos remete à crença do falo materno, a crença da mãe fálica. Esta crença cria condições à formação deste Eu que é Ideal e que funcionará como tampão, bem como possibilitará pensar o desconhecimento da castração pela via da negação, negando esta falta de satisfação e a incapacidade da criança de garantir este lugar de falo junto ao outro e que supostamente lhe garantiria uma satisfação. A sexualidade infantil, por esta última colocar a castração em jogo.

A transferência e as instâncias ideais

A formação dos Ideais e sua influência na formação do narcisismo e do Eu, na obra de ambos os autores, estão intimamente ligados à castração. Mas o Eu ideal e o Ideal do eu relacionam-se à castração de um modo diverso, pois o primeiro é aquele que ocupa o furo que caracteriza o sujeito, por apresentar no Outro a imagem do Eu narcísico do indivíduo.

Já o Ideal do eu nos permite estabelecer a ligação do traço da singularidade e do Ideal do eu como percurso, o que necessariamente implica uma separação deste Eu ideal,

cisão pensada como efeito da castração. No entanto, Lacan introduz outros elementos à teoria do narcisismo de Freud, tal como o conceito de falo e do significante fálico, ou mesmo a noção de uma regulação da imagem pelo objeto *a*, causa de desejo.

Este último conceito será abordado mais à frente, mas ele é necessário à articulação teórica com estes outros conceitos apontados. Ele nos permite pensar o estabelecimento de uma posição a ser ocupada pela analista, que tornaria possível o corte à imagem alienante e idealizada do eu. Esta imagem, por sua vez, tampona a inexistência de uma verdade que determine a singularidade do sujeito. É pela via deste corte que podemos pensar o traço, como condição de produção de um bordejamento, capaz de desvelar e delimitar este objeto que caracterizaria o sujeito em sua singularidade, em uma possibilidade de criação de si.

Retomemos o nossa questionamento, de modo a poder estabelecer a ligação do traço e do Ideal do eu. Para tal, é necessário estabelecermos a distinção entre esta instância, esta matriz narcísica estruturada ao nível simbólico, e cuja influência num percurso de análise e no desvelamento da fantasia, esta que é atribuída ao analista.

Apesar de ambos os autores estabelecerem a relação entre narcisismo e castração, Lacan produz um percurso teórico, que tendo em vista os objetivos deste trabalho, torna-se necessário o apontarmos. Miller (1994-1995/2005) coloca que no percurso da obra deste autor, em seu Seminário 1, nesta que seria uma das primeiras elaborações do Estádio do Espelho, o nível imaginário da relação seria regulada pelo desejo de reconhecimento no simbólico, pela mediação da palavra, pela fala.

Este autor aponta ainda que, é a a partir do Seminário 4 que Lacan reformula sua concepção deste Estádio. Pois, além da mudança do desejo de reconhecimento para o desejo do falo, o autor produz uma encarnação do Eu ideal e do Ideal do eu na criança e na

mãe. Introduz então o falo como terceiro elemento à esta dupla, formando um trio imaginário e inserindo o objeto fálico neste registro.

Num segundo momento, nesta mudança da falta do objeto ao nível da frustração para o da castração, o falo passa a ter uma função simbólica. Esta passagem formaliza a mudança de registro do falo, introduzindo-o como operador de uma mudança na modalidade de falta de objeto, produzindo a separação desta relação mãe e filho.

Esta mudança teórica na obra de Lacan, tal como Miller (1994-1995/2005) o aponta, pode ser concebida no fato de que agora não se trata, num processo de análise, do foco na intersubjetividade. Enquanto o reconhecimento simbólico não comportava o manejo da pulsão, a introdução do conceito de falo como condensador da libido permite pensar sua função de estruturação das pulsões, e, com isso, introduziria a revelação de sua ausência na estrutura do sujeito ao Outro. Portanto, a imagem de si retorna furada pela pulsão, por efeito do falo. Ele mantém algo da libido no eu, o que impede a assunção completa de imagem por este investimento.

Por hora, abordaremos esta passagem da frustração para a castração, no que compete sua relação com este significante fálico e com as instâncias Ideais. Ao falarmos a respeito da formação do Eu ideal, portanto, expomos o modo como a imagem vem a ocupar o lugar estrutural do sujeito. A formação desta imagem perpassa uma das três noções centrais que Miller (1994-1995/2005) atribui ao falo na teoria lacaniana. Num primeiro momento, ele é a imagem do falo, e é esta imagem que capta a libido dispersa do auto-erotismo, instaurando-a ao nível simbólico. Ele é um meio de gozo ao sujeito em sua origem real, no que ele é morto.

Mas como poderíamos entender esta instauração no nível simbólico? Miller comenta que o falo, assim como a pulsão freudiana, é um conceito limite, portanto, ele é concebido como um significante imaginário. Isto nos permite pensar os diferentes momentos da identificação do Eu à imagem do outro.

Neste primeiro momento de passagem do auto-erotismo para o narcisismo, da formação do Eu ideal, Eu se constitui numa identificação à imagem da mãe completa, sem se dar conta de que, em sua imagem, permanece “um ponto de fixação de sua inserção imaginária, a falta do falo” (LACAN, 1956-57/1995, p.180). É importante salientar isto, que a falta já está lá, mas o *infans* ainda não a assumiu, tendo em vista a prematuridade da constituição de seu eu.

Neste momento do auto-erotismo, o *infans* encontra-se numa vivência pulsional desordenada, de pura ausência de lugar e limites. É uma experiência que ocorre no nível do registro real da constituição do sujeito, neste momento originário em que sua experiência pulsional lhe é maciça. Tal momento proporcionando-lhe a vivência do horror, mas estas são as bases no qual ele se estrutura no simbólico. Por sua vez, esta estrutura cria condições que possibilitam e organizam a constituição de seu Eu narcísico e de suas instâncias psíquicas.

O narcisismo se forma em meio a estas dificuldades do real, pela captação de uma imagem de seu Eu, via imagem deste outro, o que comporta um gozo, cuja grandeza torna-se mais clara depois da exposição desta condição mencionada anteriormente. É o triunfo possível pela ilusão de certo controle ou domínio de si, de uma certa autonomia do Eu. É o que Lacan (1956-57/1995) chama de júbilo pelo estabelecimento de uma relação do Eu à sua imagem.

Mas como se daria a esta estruturação simbólica do psiquismo, bem como a assunção de um corpo distinto para ambos, mãe e filho, neste nível do imaginário? Lacan (1956-1957/1995) aponta que tal estruturação ocorre justamente pela mãe faltar ao apelo da criança. A mãe é concebida como aquela que possui o dom, “os signos de amor” (p.177) e que, ao faltar, instaura a frustração do amor, neste nível de uma complementariedade que supostamente possibilitaria uma unidade narcísica, bem com a completa satisfação. À medida em que a mãe falha, estabelece-se então a compensação desta frustração do amor, pela via do objeto da necessidade, o seio. Esta via de compensação é estabelecida, portanto, pela mãe, por ela se fazer tanto presente quanto ausente.

O seio, por ser algo real deste objeto simbólico que é a mãe e, na medida em que ele que promove alguma satisfação da falta da mãe - mas nunca o faz totalmente - assume a função da mãe, em sua significação simbólica. Neste sentido, podemos entender a frustração na condição que ela cria à regressão à pulsão oral, bem como à esta identificação com o objeto de amor, o objeto da demanda. Esta identificação assemelha-se à introjeção deste objeto seio, que, por ser parte do objeto simbólico mãe, adquire a sua significação (LACAN, 1956-1957/1995)

Deste modo, o autor aponta que qualquer objeto que satisfaça uma a necessidade real pode ocupar o seu lugar de objeto real que é o seio, adquirindo sua significação como parte da mãe. Assim também o faz a palavra. É deste modo que Lacan aborda a incorporação como modelo, imagem pelo qual as palavras, simbólicas, irão formar o supereu como comparável à necessidade e pela via da identificação.

Na relação de frustração citada, a impossibilidade de satisfação da falta da mãe como dom é efeito da estrutura simbólica que age na pulsão, de modo que a necessidade de

satiação da pulsão passe a ter um status de demanda, numa busca de amor. Lacan (1955-56/1985) expõe, a respeito disso, que é o simbólico o que permite a instauração do sujeito num nível fora do circuito fechado da satisfação completa dos instintos.

Neste ponto, introduzimos a segunda acepção de falo na teoria lacaniana abordada por Miller (1994-1995/2005), na qual ele é o significante principal pelo qual se tem acesso aos efeitos dos significantes, sendo correspondente à barra do sujeito, no que foi exposto a respeito da passagem da necessidade à significação simbólica.

É somente num segundo momento de identificação, portanto, que há a possibilidade do sujeito perceber, neste sentido, que tampouco há uma complementariedade possível ao nível da imagem pela mãe, já que ela carece do falo. Ele não poderia ocupar este lugar junto à ela, sob o risco de perder a sua possibilidade de desejar para além da mãe e de manter o falo. Neste sentido, caso não haja esta separação, corre-se o risco do sujeito nunca se distanciar de uma posição de objeto do desejo materno, posição na qual fiaria o seu ser como imagem do falo para mãe.

Mas esta identificação ao falo materno poderia ser concebido como resultado de uma identificação do menino ao pai, à imagem do pai como aquele que mantém cativo o desejo da mãe. É nestes termos que lemos o apontamento de Freud (1921/2011) de uma anterioridade da identificação ao pai, em relação à escolha da mãe como primeiro objeto amoroso. É esta ligação, este modo mais primordial de ligação, que possibilita a constituição narcísica do eu, bem como é retomada neste momento, em que se assume a falta do falo à mãe e, também a impossibilidade de alguém responder pelo desejo dela.

Por fim, introduzimos a terceira concepção de falo apontada por Miller (1994-1995/2005), na qual ele é a barra, por ser por ela barrado, acaba por imputá-la. É nesta

terceira acepção que podemos pensar os seus efeitos de corte, negativizando e trazendo a diferença também ao nível das identificações simbólicas.

Estas diferentes operações de estabelecimento da falta de objeto, funda-se na atribuição ao Outro de sua imagem como modelo, através do qual e pela regulação do Ideal do eu, o Eu tenta reaver a imagem de seu Eu ideal. Esta última instância citada, portanto, é responsável pela instauração da dialética imaginária presente nas relações de objeto.

A instauração deste Outro lugar, em que há uma falta, anterior à sua capacidade de compreensão, é o que nos habilita articular a função simbólica que o Ideal do eu terá no estabelecimento da transferência, bem como na possibilidade de veicular o objeto nestes traços das suas experiências de satisfação. No entanto, a revivência de tal experiência não implica a sua satisfação narcísica, o que possibilita o estabelecimento de um gozo do deslocamento dos significantes. Tal concepção é possível pelo que Lacan (1960/1998) aponta que o Ideal do eu liga-se aos caminhos inconscientes do Eu.

Portanto, podemos ler que esta modalidade de amor constitui-se numa certa estereotipia da marca deste objeto de desejo, por prometer esta satisfação libidinal, que nada mais é, no final das contas, que a tentativa de busca de uma garantia de amor. Lacan (1956-57/1995) aponta que a estruturação do Eu nestes traços é possível, pela falta que se instaura no além do nível narcísico destas relações e, à medida em que ela promove o conflito que resulta numa aproximação e num afastamento da identificação narcísica do eu ao Outro. Neste sentido pensamos a constituição do eu rumo ao aprofundamento de uma falta. Freud (1921/2011, p. 94) expõe:

“Reparemos que o Eu entra na relação de um objeto com o Ideal do eu que a partir dele se desenvolveu, e que possivelmente

todas as influências mútuas entre o objeto externo e o Eu como um todo, com que deparamos no estudo das neuroses, chegam a se repetir nesse novo palco dentro do Eu”.

Neste percurso de estabelecimento da falta do objeto, podemos inserir a concepção do Freud (1921/2011) da importância e da dificuldade deste processo de separação e distanciamento do Eu e do Ideal do eu. Não é à toa que Freud problematiza que há muitas pessoas que não toleram esta separação, por ela conduzir aos caminhos pelo qual uma moção pulsional foi recalcada, e que contradiz a possibilidade de identificação e adequação do Eu à este modelo narcísico que é o Ideal do eu, produzindo os apontamentos à sua castração.

A relação anteriormente apontada entre Ideal do eu e os caminhos inconscientes do Eu, diz respeito ao que Freud (1914/2006) aponta sobre esta instância se constituir num Ideal pelo qual o Eu se compara, ela será fundamento e provocadora do recalçamento daquilo que se encontra em discordância ao Ideal narcísico. Este Ideal supostamente garantiria o amor do Outro, por manter um Eu coerente (Freud, 1921/2011) amável.

Outro ponto essencial é o objeto de desejo, que, na verdade é um objeto faltoso, e que por tal é carece de existência, localiza-se fora da fantasia, é um objeto externo, mas é um objeto que dela se traveste, não pode ser especularizável, é o que lacan posteriormente apontará como objeto *a*. (LACAN, 1956-57/1995; 1960/1998)

Podemos então apontar a função que o significante imaginário do falo possui na subjetividade, pois ele produz o desvelamento do véu no qual as identificações encontram-se projetadas (1958a/1998), de modo a mostrar o nada, a impermanência do sujeito. Neste sentido, Lacan expõe: “o Eu-sujeito...verdadeiro...do desejo... tanto no esclarecimento da

fantasia quanto em seu refúgio fora do discernimento, não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape” (LACAN, 1960/1998, p.662). Neste sentido podemos conceber a afinidade do sujeito com o registro real, na medida em que seu lugar de origem é um fora de lugar e o objeto pelo qual busca satisfação é um objeto perdido em sua origem.

Amor e singularidade

Quais motivos podemos atribuir essa busca de si no Outro? Trata-se de uma tentativa de um reconhecimento do pelo Outro ali onde o sujeito se constitui no simbólico. Por isso é essencial num trabalho de análise que este nível simbólico da fala e dos significantes que aos quais o Eu do analisando encontra-se identificado sejam escutados, de modo a compor aos poucos a fantasia que se expressa também por sua cadeia signifiante, bem como a possibilidade de separação, pela via do signifiante.

Esta estrutura da cadeia, introduzida pela oposição + -+, +- (LACAN, 1953-54/1979), por meio da instauração deste signifiante no real, o traço, possibilita a manutenção do real ao psiquismo, o que nos permite pensar as condições da produção do encadeamento dos significantes. É em termos da preservação deste algo real que podemos conceber a estruturação da experiência de falta-a-ser do sujeito com a fala. É no nível desta falta que podemos pensar as formações das imagens pelas identificações, que conferirão uma forma, um meio de produção de uma modo de manifestação (LACAN, 1960/1998) do nada que marca a presença do desejo e do sujeito.

Na fala do sujeito, estes significantes fornecem as pistas desta posição inconsciente que ocupa, e é através da sua leitura que podemos ter acesso ao texto do inconsciente do analisando. É neste sentido que tomamos a acepção de que na análise, há que se fazer presente este além da relação sujeito-objeto. Isto decorre do fato de que a transferência se

dá em dois níveis. Por um lado, ao modo neurótico como o analisando ama, em seu investimento libidinal ao analista.

O outro nível simbólico, do significante, é possível pelo endereçamento da fala ao analista, e são estes elementos que permitem o corte e a saída deste circuito (LACAN, 1953-54/1979, p.117), possibilitando a separação destas identificações. Pois bem, neste nível do endereçamento do significante, o analista é convocado pela fala do sujeito a responder do lugar do Outro, tesouro do significantes, e é neste nível pelo qual deve responder.

No outro nível, imaginário, é necessário que o analista ocupe a posição de semblante do objeto *a*, fazendo a função de um espelho à fantasia e às projeções do analisando. São níveis diferentes que, em suas articulações - e pelo efeito de corte que o a sincronia entre ambos comporta - permite-nos pensar o desvelamento deste lugar psíquico, que originalmente pertence ao analisando enquanto sujeito, possibilitando a assunção de seu desejo no que ele lhe concerne.

Esta regulação é possível pela citada condição do sujeito em ex-sistência à linguagem, pois, por ser falado pelo Outro, é a partir da oposição introduzida à este Outro que analisando pode assumir sua enunciação de sujeito, em seu enunciado. Neste sentido, podemos conceber a afinidade do sujeito com o registro real. O estabelecimento desta oposição como possibilidade de assunção da fala pelo sujeito é possível por uma relação formada com a leitura do texto freudiano *Além do princípio do prazer*, de 1920, bem como por alguns apontamentos de Lacan (1960/1998), em seu comentário sobre o relatório “psicanálise e estrutura da personalidade” de Daniel Lagache.

Em seu texto de 1920, Freud torna possível pensarmos as origens do psiquismo e do inconsciente ao introduzir a noção de pulsão de morte. A elaboração deste conceito é o que motiva Lacan a pensar a origem do sujeito. Inclusive, tal pulsão também sugere pensarmos o processo de sua constituição rumo ao aprofundamento de sua particularidade. Tal raciocínio pode ser sustentado pela pulsão de morte ser uma tendência desmembradora e regressiva, que visa o retorno à um estado anterior. Ela seria capaz de produzir desligamentos e destruição.

Teoricamente, podemos pensar a pulsão de morte no nível mítico das origens do sujeito, capaz de produzir uma marca, para a qual retornar-se-ia de modo a produzir e a criar algo de si. Este retorno pode ser pensado em termos da oposição e conflito que esta pulsão faz às pulsões de vida. Considerando que os investimentos libidinais do eu fazem parte do escopo das pulsões de vida, a pulsão de morte seria o que permite, na formação destes investimentos do eu, produção e preservação de um furo, de algum tipo de separação ao outro, o que permite preservar a brecha necessária ao sujeito para a sua criação.

No texto anteriormente mencionado, Lacan dialoga numa tentativa de preservar o lugar do sujeito - em sua ligação ao real e à estrutura simbólica - na formação das instâncias ideais, Eu-ideal e Ideal-de-Eu, diferenciando-as. Retomando Freud, Lacan escreve então sobre a afinidade do sujeito com o real e com a pulsão de morte. Esta afirmação nos leva ao apontamento do autor de que o Isso seria um depósito, pois recebe o investimento e os significantes de fora, de um Outro, mantendo-os.

Portanto, é pela sua relação com a pulsão de morte que o sujeito promove uma oposição à isto, à estes significantes que lhe vem de fora. Esta oposição confere a posição de fora de lugar ao sujeito, a sua ex-sistência em relação à linguagem. Ao sujeito cabe

produzir um furo na linguagem, e é isto que promove a manutenção das suas possibilidades de constante instauração de seu lugar.

Deste modo, o lugar de origem do sujeito é um fora de lugar, é no Isso, do qual o significante lhe retorna, e é pela sua precedência ao significado que podemos pensar esta brecha que torna possível a criação de si pelo sujeito. E é nisto, segundo o Lacan, que residiria a particularidade da descoberta freudiana. Lacan (1958a/1998) salienta que a experiência do inconsciente funda-se, portanto, pela disparidade entre significante e significado.

Neste ponto podemos apontar as impossibilidades de se fiar, do ponto de vista do sujeito, pela noção de si como Eu narcísico, o que resulta numa fonte de tragédia, portanto, não há um encadeamento do significante à outro, a priori, que possa determinar o sujeito, que possa o afirmar em termos da consciência e de seu conhecimento. Os sujeitos são efeito deste significante, e ele, por si mesmo, não significa nada (LACAN, 1955-56/1985). E é com isto que o analisando se defronta com a sua falta na análise: com a sua cegueira frente aos seus significantes que o conduzem em sua repetição.

Esta constituição do sujeito, como a entendemos num sujeito neurótico, implica esse processo de alienação característico ao eu, buscando no Outro sempre a complementariedade, tentando tampar a perda já ocorrida, aquilo que lhe falta de estrutura, o significante fálico, *phi* maiúsculo, que se instaura como símbolo da falta. Tal significante sofreu a forclusão, *Verwerfung* (LACAN, 1960/1998), o que implica dizer que há uma falta radical instaurada no campo do Outro, barrando-o, e tendo por consequência a barragem do sujeito.

Entramos no escopo da questão de uma falta que é estrutural, num momento que é anterior ao sujeito, remetendo-nos à sua origem. Trata-se de um ponto de sua constituição à qual só podemos recorrer por uma via lógica, tal como Lacan (1955-56/1985, p. 97) o expõe. Este momento remete-nos à instauração da relação do sujeito com o símbolo, que, por ele mesmo faltar, torna possível a instauração do traço unário, traço da diferença, deixado ali onde o significante apaga o objeto, instaurando a sua falta, a falta da Coisa.

Este traço seria o que suporta o significante, possibilitando a instauração do sujeito em sua singularidade, pela diferença que cria no real. Lacan (1962-1963/2005, p.31) o aborda nos seguintes termos:

“Uma coisa é certa: é que isso entra, e que já se entrou nisso antes de nós. Já é por esse caminho que todos esses sujeitos que dialogam há alguns séculos, afinal, tem que se arranjar como podem com uma certa condição: a de que, justamente, entre eles e o real, existe o campo do significante, porque foi a partir desse aparelho do traço unário que eles se constituíram como sujeitos.”

Mesmo que tal diferença seja mínima, como Freud (1921/2011) o coloca, é por ela que o sujeito se diferencia. É neste ponto e a partir daí que ele, numa análise, por exemplo, instaura-se pela brecha inicial que permite a assunção de seu desejo, bem como a possibilidade de reconstrução de sua verdade.

Portanto, a tragicidade da experiência do sujeito reside numa separação entre os dois campos que é anterior à alienação do sujeito, por ser efeito de sua entrada na linguagem. Esta separação é o horror último, a castração, mas ela nos é necessária para pensarmos as

possibilidades de um estabelecimento de um além da fantasia e um além da tentativa de unificar-se ao outro como objeto.

Esta separação, por ser efeito da instauração da marca do sujeito, cria a condição para a singularidade, por introduzir no real a diferença, a ausência que permite a brecha a partir do qual o significante sustenta a criação do sujeito. Neste sentido, o indivíduo sofre os efeitos deste sujeito por meio de sua determinação pelo significante, no que ele é capaz de desvelar a projeção imaginária que ocupa este espaço vazio.

Portanto, é neste nível que podemos pensar a castração, fundada por este corte, por esta fissura introduzida pela morte no que ela é pensável pelos seus efeitos de separação e condição da simbolização, pela diferença que ela cria. Nesta separação possibilitada pela criação deste traço é que se produz a queda deste objeto real que é *a*. Trata-se, portanto, de um aprofundamento da experiência do desejo, que nos conduz rumo à falta e nos leva ao que Freud (1921/2011), caso o tomemos por uma leitura lacaniana, aborda como objeto exterior, entendemos aqui como o objeto real, originariamente perdido.

Miller (1994-95/2005) o expõe este objeto *a* como a elaboração, na teoria lacaniana, de um gozo positivado, do que resta em sua impossibilidade de negativização pelo significante e, por tal, permanece como resto real depois de ter sido realizada a castração do gozo pelo falo. Este objeto é concebido como o último condensador de gozo, deste auto-erotismo difuso do sujeito em seus primórdios, mas que agora, vigora em sua possibilidade de singularidade, por ter sido bordejado pelo significante. É este resto de gozo que impulsiona o deslocamento destes significantes, e é isto que permite a permanência do desejo, à esta satisfação que difere da satisfação da completude.

Este objeto *a* ao assumir a função de causa de desejo, também nos permite apontar, via Lacan, (1960/1998) que é pela sua posição como objeto de desejo no Outro que ele causará as repetições dos significantes. À medida em que este deslocamento dos significantes ocorre, são instauradas as primeiro as transferências, os laços que implicam esta busca de amor, bem como o compartilhamento de um testemunho de uma falta de si, originária.

Neste sentido, o amor é fundado no traço, pois é por meio do significante que nele se sustenta que os objetos ligar-se-ão à sua fantasia, mas não de forma total. É neste sentido que o traço instaura essa disparidade entre a busca e os objetos, o que implica que todos os objetos encontrados atualmente serão diversos do objeto de amor idealizado, e cada vez mais, essa idealização cai por meio do queda do objeto *a*.

A especificidade do objeto *a* é que ele coloca em pauta a repetição como algo diverso desta tentativa de reaver o Eu ideal. Portanto, a repetição narcísica, por si só, nada mais seria do que um espelhamento infinito, repetindo-se em sua mesmice ilimitadamente. Já a repetição causada pelo objeto *a* coloca a questão da sua impossibilidade e da sua insatisfação, o que possibilita o seu deslocamento pela via de outros objetos. Seria assim, mediante à procura de uma satisfação antiga e caduca que a busca de um novo objeto poderia se instaurar, sendo seu encontro somente possível em outro lugar e não neste ponto onde se busca.

Lacan (1960/1998) expõe que este objeto *a* é anterior ao espelhamento da imagem, ou seja, este objeto é a sua condição, mas que faz parte de um nível originário da estrutura, ao registro real. Neste nível, é ele que regula as imaginarizações que apresentam-se na busca de si e na tentativa de garantia de amor. Mas, o efeito de furo que o traço produz no

Outro, furo por meio do qual a fala do sujeito, a fala Coisa, parte do Isso – é a partir deste furo que o objeto *a* cai, deste empréstimo que ele realiza ao causar o desejo neste deslocamento do sujeito.

Referências

- FREUD, S. (1914/2006). À guisa de introdução ao narcisismo. Em *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. (L. Hanns, trad.). (Vol.1, pp.95-131). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (P. César, trad.). Em *Obras completas* (Vol.15, pp.13-113). São Paulo: Companhia das Letras.
- LACAN, J. (1953-1954/1979). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1955-56/1985). *O seminário. Livro 3: as psicoses* (A. Menezes, trad.) (2a Ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1956-1957/1995) *O seminário. Livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1958a/1998). A significação do falo. Em: *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1958b/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Em: *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp.591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1960/1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”. Em: *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp.653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, Jacques. (1962-1963/2005) *O seminário. Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MILLER, J. A. (1994-1995/2005). *Sílet: os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan* (C. R. Lima, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998/1997). Dicionário de psicanálise (V. Ribeiro e L. Magalhães, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Notas

Carolina França Batista

Psicóloga Clínica. Mestranda do Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Aluna da Especialização em Teoria Psicanalítica (UnB).

Email: carolina.psifb@gmail.com

Luiz Augusto Monnerat Celes

Email: lamceles@gmail.com

